

Comportamento Semanal de Mercado

1 a 8 de setembro

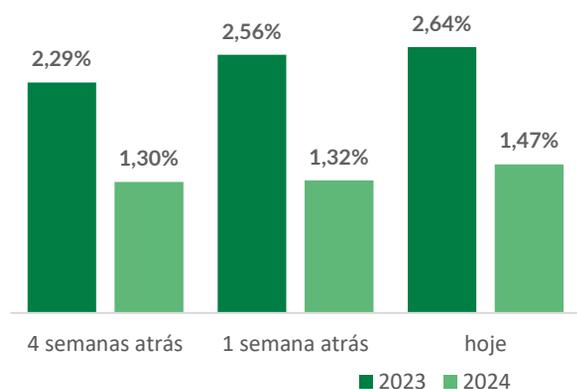


Foco na inflação e atividade

Após a surpresa positiva com o PIB do 2T23, a atividade econômica doméstica iniciou o 2º semestre do ano mais fraca, com a produção industrial registrando queda mensal de -0,61% em julho, refletindo a política monetária mais restritiva. Assim, ganham atenção na semana os dados do varejo e serviços, que devem mostrar o termômetro para a desaceleração da atividade. No Boletim Focus, a mediana das projeções para o crescimento do PIB em 2023 subiu 0,08 p.p. na semana para 2,64%, devendo se aproximar de 3,0% nas próximas edições por conta do carregamento estatístico. Os preços no atacado seguem com uma dinâmica benigna, embora com os efeitos desinflacionários se dissipando. O IGP-DI avançou 0,05% em agosto, acumulando uma deflação de -6,91% a.a. (-7,47% a.a. em jul/23), o que deve impactar positivamente no comportamento dos preços ao consumidor. Para a semana que se adentra, é importante o monitoramento das medidas de núcleo e de inflação subjacente do IPCA de setembro, uma vez que o Copom condicionou uma eventual aceleração dos cortes da Selic a uma melhora dessas 2 métricas, além das expectativas de longo prazo. Mesmo com a redução de -0,09 p.p. para 6,54% a.a., a taxa real de juros *ex-ante* segue em patamar fortemente restritivo, bem acima dos 4,5% a.a. considerado como neutro pelo Banco Central. O endividamento das famílias continua em patamar elevado (77,4%), apesar da redução de -1,6 p.p. em 12 meses. Os juros futuros exibiram elevações nos vértices mais longos, em linha com o movimento do exterior. Nos EUA, a atividade resiliente e o mercado de trabalho ainda aquecido, como apontou o Livro Bege, aumentam as chances de uma política monetária apertada por mais tempo, o que elevou os rendimentos das *T-Notes*. Na Zona do Euro, a revisão do PIB do 2T23 de 0,3% para 0,1%, reforçou a visão mais pessimista e a inflação ainda em patamar elevado deverá favorecer a manutenção de uma política monetária mais restritiva. O que pesaram no aumento da aversão ao risco, levando à perdas nas principais bolsas internacionais e queda nos preços das *commodities* alimentícias e metálicas. Assim, ganham importância também as divulgações do CPI nos EUA e o encontro de política monetária do BCE.

Expectativas

PIB - Mediana das projeções (a.a.)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Ainda em resposta à surpresa positiva com o PIB do 2T23, a expansão projetada no Boletim Focus para a atividade econômica deste ano passou de 2,56% para 2,64%, contra 2,29% de um mês atrás. Para 2024, a estimativa ampliou-se de 1,32% para 1,47%, ante 1,30% de um mês atrás e a para 2025 passou de 1,90% para 2,00%, frente 1,90% de um mês atrás. No curto prazo, as estimativas do IPCA para agosto permaneceram em 0,26%, as de setembro em 0,41% e as de outubro em 0,39%. Assim, as expectativas inflacionárias para 2023 voltaram a subir marginalmente, de 4,92% para 4,93%, enquanto as para 2024 oscilaram de 3,88% para 3,89% e as para 2025 se mantiveram em 3,50%.

Em relação ao fechamento da semana anterior, as precificações das NTN-Bs voltaram a indicar alta na inflação implícita para o prazo de 1 ano de 4,15% para

4,29%, a de 2 anos passou de 4,61% para 4,67% e a para o de 3 anos de 4,93% para 4,99%. Ainda, a pesquisa manteve a projeção de 3 cortes de 0,50 p.p. em 2023, com a Selic encerrando o ano em 11,75% a.a.. Para 2024 e 2025 as projeções seguiram em 9,0% a.a. e 8,50% a.a., respectivamente.

No campo fiscal, o déficit primário projetado em relação ao PIB manteve-se em -1,00% para 2023 e em -0,71% para 2024. Para 2025, por sua vez, variou de -0,55% do PIB para -0,50%. Finalizando, com depreciação de 0,4% em relação ao Boletim anterior, a taxa de câmbio deve fechar esse ano em R\$/US\$ 5,00. A taxa para 2024 variou de R\$/US\$ 5,00 para R\$/US\$ 5,02, enquanto a para 2025 seguiu em R\$/US\$ 5,10.

Internacional

A atividade econômica nos EUA mostrou expansão modesta entre os meses de julho e agosto, o crescimento dos preços continuou desacelerando de forma gradual, em um sinal positivo para a política monetária, ao passo que o mercado de trabalho se manteve desequilibrado na maioria dos distritos, diante da oferta reduzida de mão de obra. Essas constatações integram o Livro Bege do Federal Reserve (Fed).

A melhora generalizada dos preços refletiu a desinflação de produtos manufaturados e de bens de consumo, enquanto o aumento dos custos de matérias-primas desacelerou em um ritmo mais brando do que os das vendas, dada as dificuldades das empresas no repasse de custos ao consumidor final.

Dentre os indicadores, o setor de serviços dos EUA voltou a acelerar em agosto. O Índice de Gerentes de Compras (PMI) do instituto ISM subiu de 52,7 pts. em julho para 54,5 pts.. Os subíndices de atividade, demanda e emprego aceleraram e seguem acima de 50 (patamar considerado neutro).

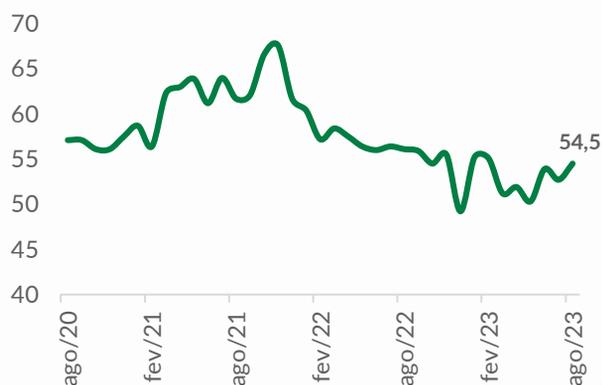
Em relatório semanal, os pedidos iniciais de seguro-desemprego nos EUA continuaram em níveis baixos para padrões históricos, em 216 mil na semana encerrada em 2 de setembro, 13 mil abaixo da semana anterior e dos 230 mil projetados.

Na Zona do Euro, o crescimento do PIB do 2T23 foi revisado para baixo, de 0,3% para 0,1% em relação ao 1T23. Ante o 2T22, a alta foi de 0,5%. O fraco desempenho das exportações levaram à correção. Impactado pela queda de -1,2% no comércio de combustíveis automotivos, e as altas mensais de 0,4% no comércio de alimentos, bebidas e fumo e de 0,5% nas vendas de produtos não alimentares, as vendas no varejo da região se retraíram -0,2% na margem em julho, em uma queda maior do que a esperada de -0,1%. Na comparação interanual, houve queda de -3,4% nas vendas de combustíveis e de -2,2% nas lojas de alimentares, bebidas e tabaco, enquanto o comércio de produtos não alimentares cresceu 1,1%.

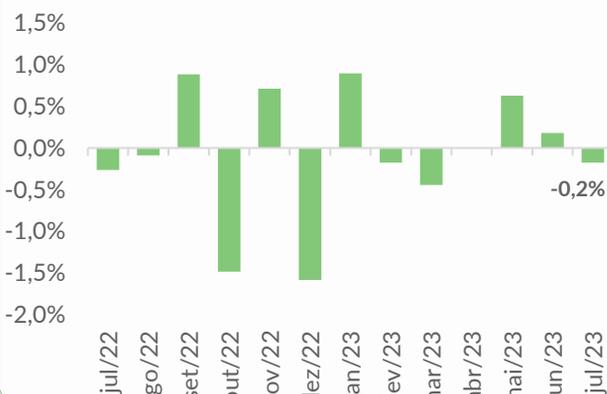
Ademais, o PMI composto da Zona do Euro apontou para uma atividade ainda mais fraca em agosto, com o índice passando de 48,6 pts. em julho para 46,7 pts., indicando contrações tanto no setor de serviços e quanto no de manufaturas. Já os preços ao produtor (PPI) caíram -0,5% em julho frente ao mês anterior, acumulando deflação de -7,6% a.a., o que deve ajudar a reduzir a pressão sobre os preços ao consumidor. Em pesquisa mensal, o Banco Central Europeu (BCE) divulgou as expectativas de inflação do consumidor. Para os próximos 12 meses, a expectativa permaneceu em 3,4%, mas para o prazo de 3 anos avançou de 2,3% para 2,4%. Esse aumento nas expectativas pode ser mais uma variável a pressionar o BCE em sua decisão de política monetária.

Na China, as cidades de Xangai e Pequim também acataram a recomendação do governo central de aliviar condições para a compra de imóveis. Do lado externo, os dados da balança comercial reforçaram a leitura de demanda global e doméstica fraca. As exportações e importações recuaram -8,8% e -7,3% em agosto, respectivamente, na comparação interanual.

EUA – PMI Serviços Mensal (pts.)



Zona do Euro – Vendas no Varejo Variação mensal



Aversão ao Risco

A expectativa de manutenção da política monetária mais apertada nos mercados desenvolvidos, em meio à fraqueza da atividade econômica na Zona do Euro e na China, alimentaram a deterioração da aversão ao risco na semana, com forte impacto nos preços dos ativos, levando a perdas nos mercados acionários, recuo nos preços das commodities e apreciação do dólar, em linha com o aumento no retorno das *T-Notes*. Nos EUA, a atividade econômica resiliente, evidenciada pelo PMI de serviços mais forte e o mercado de trabalho ainda aquecido, ampliam as apostas de que o Fed mantenha os juros elevados por mais tempo. O Monitoramento da CME Group apontava que a probabilidade de o Fed manter a taxa básica de juros inalterada em setembro superava 90%.

Com isso, os retornos das *T-Notes* exibiram altas de 0,11 p.p. para 4,98% a.a. no de 2 anos, de 0,10 p.p. para 4,39% a.a. no de 5 anos, de 0,08 p.p. para 4,26% a.a. no de 10 anos e de 0,04 p.p. para 4,33% a.a. no *T-Bond* de 30 anos.

Já na Zona do Euro, apesar dos dados de atividade mais fracos, com o recuo das vendas no varejo e das encomendas da indústria na Alemanha, as medidas de inflação mantêm-se elevadas, o CPI alemão encerrou com alta de 6,1% a.a. em agosto, levando o Banco Central Europeu (BCE) a aumentar sua projeção para inflação de 2,3% para 2,4% nos próximos 3 anos, enquanto para os próximos 12 meses permaneceu em 3,4%. Na semana, os retornos dos bonds alemães subiram 0,09 p.p. para 3,07% a.a. no de 2 anos e para 2,61% a.a. no de 5 anos e 0,06 p.p. para 2,61% a.a. no de 10 anos. Na Ásia, cresce o otimismo quanto à novos estímulos na China.

Com o aumento da aversão ao risco, as principais bolsas internacionais registram perdas na semana, com destaques para as quedas de -1,9% na Nasdaq, de -1,3% no S&P 500, de -0,7% no Dow Jones, de -0,6% no DAX 40, de -0,5% no Xangai e de -0,3% no Nikkei 225. Ainda, observaram-se quedas nos preços das commodities metálicas e alimentícias, com reduções de -2,0% no minério de ferro negociado em Qingdao e de -0,5% na saca de soja na bolsa de Chicago. Por sua vez, refletindo o aperto na oferta com a prorrogação dos cortes na produção pela Arábia Saudita e Rússia até o final do ano, a cotação do barril de petróleo tipo Brent subiu 2,4% para US\$ 90,65.

O risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 5,07 bps na semana para 171,44 bps., refletindo o aumento da aversão ao risco no cenário externo e a deterioração da perspectiva fiscal. Na semana, o Ibovespa acumulou uma retração de -2,2%, em linha com a queda nos preços das commodities metálicas e alimentícias, encerrando abaixo dos 116 mil pts..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	08/09/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	115.313	-2,2%	-2,6%	4,9%
Nasdaq	13.762	-1,9%	0,3%	16,0%
S&P	4.457	-1,3%	-0,2%	11,3%
Dow Jones	34.577	-0,7%	-1,6%	8,8%
FTSE 100	7.478	0,2%	-1,4%	3,0%
DAX 40	15.745	-0,6%	-0,7%	22,0%
Nikkei 225	32.607	-0,3%	1,2%	16,2%
Xangai	3.117	-0,5%	-3,9%	-3,7%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

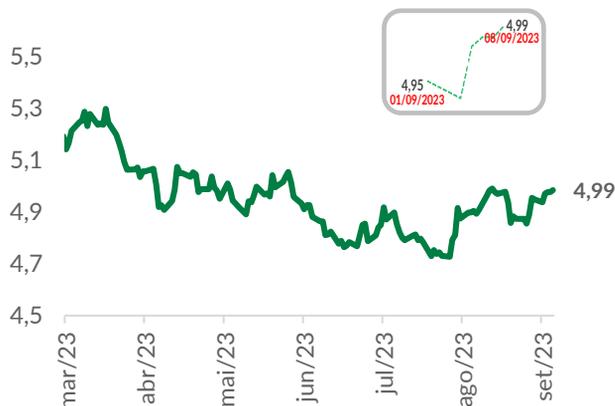
Com a crescente aposta de manutenção de uma política monetária apertada por mais tempo por parte do Fed, o dólar encerrou a semana ganhando força tanto frente às moedas de países desenvolvidos quanto às de emergentes.

Na semana, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana em relação às de países desenvolvidos, subiu 0,82%, respondendo às depreciações de 0,98% na libra esterlina e de 0,75% no euro.

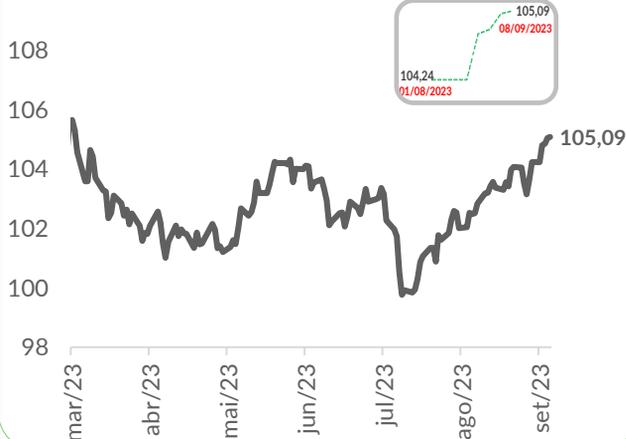
Em linha, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar fechou a semana com queda de -1,60%, com destaques para as depreciações de 2,96% no peso mexicano, de 1,68% no rublo russo e de 1,53% no rand sul-africano, além da apreciação de 1,03% no peso colombiano.

Em consonância, o real encerrou a semana com depreciação de 0,73%, com a moeda norte-americana cotada a R\$ 4,99. No período, o Banco Central manteve sua atuação no mercado cambial com a rolagem dos contratos de *swaps* cambiais com vencimento em 01/11/2023, no montante de US\$ 13,3 bilhões.

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

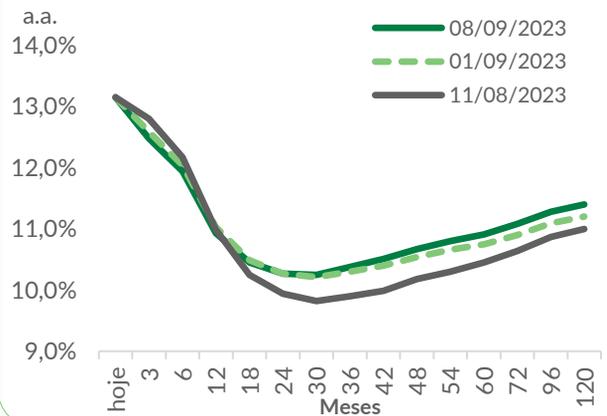
A Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) fechou a semana acentuando sua inclinação, registrando queda nos vértices mais curtos, pela 2ª semana seguida, e elevações nos mais longos, em consonância com o exterior.

Em relação ao fechamento da semana anterior, observaram-se reduções de 12,04% a.a. para 11,94% na taxa de 6 meses e de 11,03% a.a. para 10,93% na de 1 ano. Por sua vez, a taxa de 2 anos permaneceu em 10,27%, enquanto verificaram-se altas de 10,30% a.a. para 10,38% na de 3 anos, de 10,54% a.a. para 10,67% na de 4, de 10,75% a.a. para 10,91% na de 5 e de 11,20% a.a. para 11,40% na de 10 anos.

Com a redução da taxa prefixada do *swap* DI de 360 dias de -0,10 p.p. na semana para 10,93% a.a. e a queda de -0,01 p.p. para 4,12% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 6,54% a.a., o que representou uma retração de -0,09 p.p. no período.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,29 p.p. na semana para 0,47 p.p.. Em maior patamar, o diferencial entre as taxa pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima aumentou 0,31 p.p. no período para 0,65 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP- DI - Ago/23

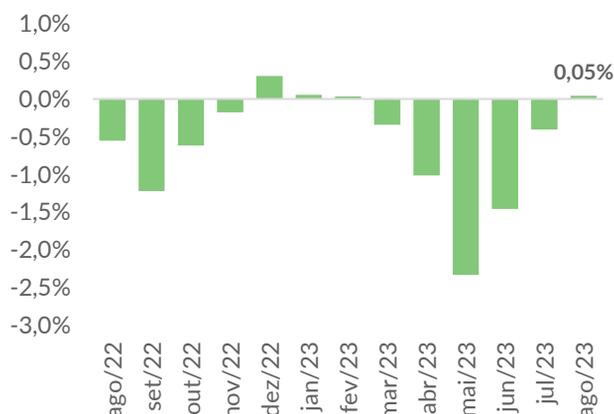
Ainda com uma dinâmica benigna dos preços no atacado, o IGP-DI avançou 0,05% em agosto, abaixo da mediana das projeções de uma alta de 0,13%, após a deflação de -0,40% em jul/23. Assim, a deflação no IGP-DI reduziu-se de -7,47% a.a. em jul/23 para -6,91% a.a. em agosto (8,67% a.a. em ago/22). O cenário ainda se mantém benigno para os custos para a indústria, que deve continuar contribuindo para a desinflação de bens ao consumidor.

Com o avanço de preços de produtos agrícolas e insumos industriais, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) passou de uma queda de -0,61% em jul/23 para uma alta de 0,10%, acumulando uma redução de -10,82% a.a. (-11,47% a.a. em jul/23 e 8,89% a.a. em ago/22). Por estágios de produção, os bens intermediários subiram 0,58%, após a queda de -0,60% no mês anterior, com o aumento substancial de 10,6% no subgrupo de combustíveis e lubrificantes para a produção. Os bens finais amenizaram a queda de -1,11% em jul/23 para -0,22%, com o aumento nos custos de combustíveis para o consumo (+5,25%), enquanto as matérias-primas brutas variaram de -0,08% em jul/23 para -0,11%.

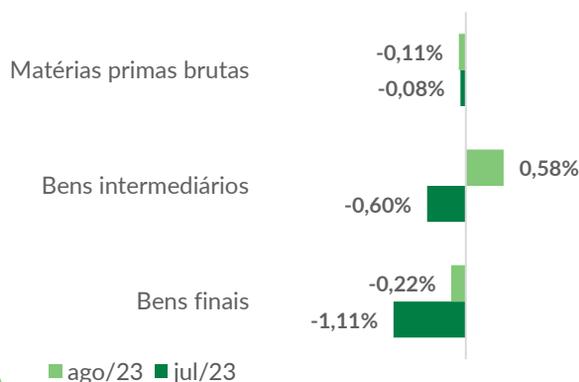
Após aumentar 0,07% em jul/23, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) voltou a cair em agosto, com uma redução de -0,22%, com 5 das 8 classes de despesas componentes registrando decréscimo em suas taxas de variação, destacando-se Educação, Leitura e Recreação (1,33% para -2,76%), Transportes (1,07% para 0,39%) e Alimentação (-0,36% para -0,84%). Em 12 meses, o IPC acumulou alta de 3,90% a.a. (3,53% a.a. em jul/23 e 6,62% a.a. em ago/22).

Finalizando, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) variou 0,17%, após uma alta de 0,10% no mês anterior. Os componentes apresentaram as seguintes variações: Materiais e Equipamentos (-0,28% para -0,18%), Serviços (0,85% para 0,25%) e Mão de Obra (0,50% para 0,61%). Em termos anuais, o INCC era de 3,23% a.a. (3,15% a.a. em jul/23 e 11,17% a.a. em ago/22).

Variação Mensal



IPA - Variação Mensal Estágios de Produção



Variação Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

IC-Br – Ago/23

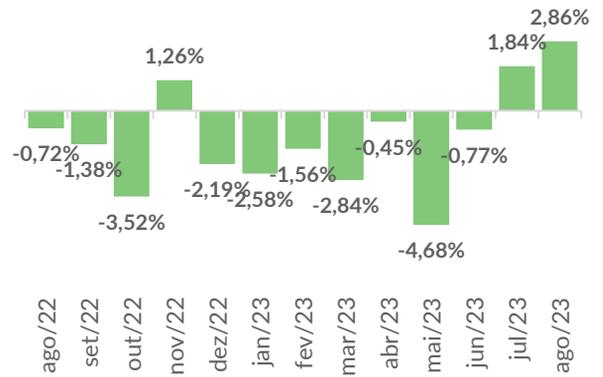
Em agosto, o Índice de *Commodities* do Banco Central registrou a 2ª alta mensal consecutiva, saindo de 1,84% em julho para 2,86%. Entretanto, ainda acumula retrações de -8,11% no ano e de -13,40% em 12 meses.

O desempenho do mês foi alavancado principalmente pela elevação de 8,81% no grupo de energia e, em menor intensidade, pela alta de 2,31% na agropecuária, uma vez que o grupo de metal registrou queda mensal de -1,34%, ainda respondendo à fraqueza na recuperação da atividade econômica chinesa.

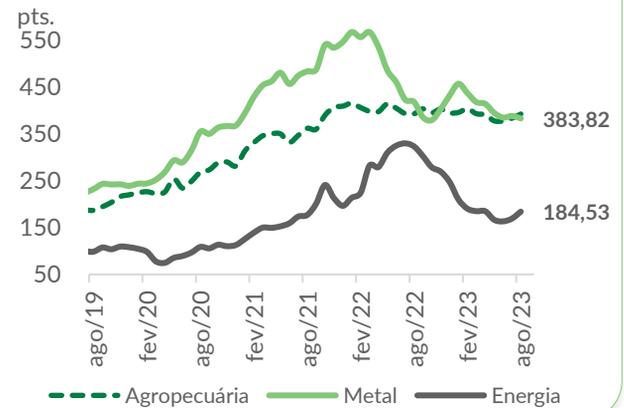
Entretanto, na comparação anual, todos os grupos exibem retrações, sendo -43,06% a.a. para energia, -8,43% a.a. para metal e -0,13% para agropecuária.

Em linha, o índice CRB, que é baseado no mercado à vista, calculado pelo *Commodity Research Bureau*, subiu 1,19% na margem em agosto, após a alta de 0,76% no mês anterior. Contudo, acumulou contrações de -7,11% no ano e de -10,08% a.a..

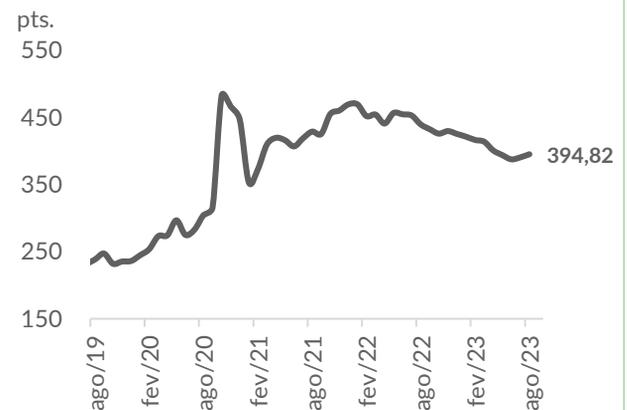
Varição Mensal



Evolução Por grupo



CRB



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

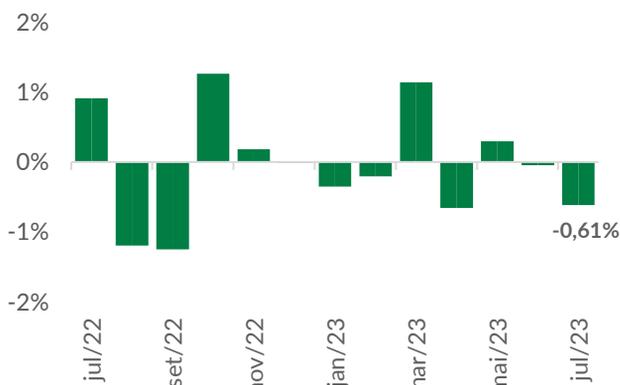
Produção Industrial Mensal – Jul/23

Refletindo a política monetária mais restritiva, em um cenário de ainda elevada taxa de juros e arrefecimento nas concessões de crédito, a produção física industrial registrou queda mensal de -0,61% em julho, na série com ajuste sazonal, mostrando a dificuldade na recuperação do setor. O resultado de junho foi revisado de uma alta 0,09% para uma retração de -0,05%. Nos 7 meses do ano, em somente 2 houve elevação na margem (1,14% em mar/23 e 0,30% em mai/23). Com isso, a produção industrial acumula uma queda de -0,4% no ano. Ademais, a produção industrial se encontra -2,3% abaixo do patamar observado antes da pandemia (fev/20) e -18,7% menor do que em seu pico em mai/11. O resultado mensal deixa um carregamento estatístico de -0,5% para a indústria no 3T23 e de -0,4% para 2023, puxada pela indústria de transformação (-0,7% no 3T23 e -1,5% em 2023).

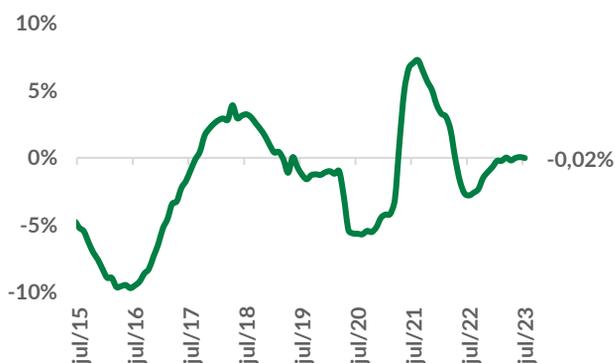
Ainda no mês, na série com ajuste sazonal, 15 dos 25 ramos pesquisados apresentaram redução, com destaques para: veículos automotores, reboques e carrocerias (-6,5%), indústrias extrativas (-1,4%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-12,1%), máquinas e equipamentos (-5,0%), artigos do vestuários e acessórios (-8,0%), produtos de metal (-4,8%) e produtos de borracha e de material plástico (-3,8%), além para as elevações de 8,2% em produtos farmoquímicos e farmacêutico, de 0,9% em produtos alimentícios e de 0,7% em coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis.

A variação anual da produção acumulada em 12 meses voltou a campo negativo em julho, com retração de -0,02%, após ensaiar uma reação no mês anterior, com uma alta de 0,05%. No mesmo período do ano anterior era observada uma queda de -2,79%. Na abertura por categoria de uso, na mesma base de comparação, as produções apontaram queda de -6,7% nos bens de capital, de -3,3% nos não especificados e de -0,3% nos intermediários, sendo elações de 5,6% nos bens de consumo duráveis e de 1,3% nos semiduráveis e não duráveis.

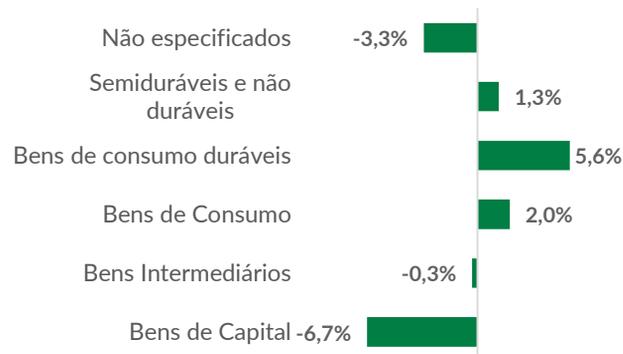
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Variação Anual Acumulado em 12 meses – por categoria de uso



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Veículos - Ago/23

Em agosto, a produção de autoveículos se recuperou, de acordo os dados da Anfavea, voltando a ficar acima das 200 mil unidades, respondendo ao recuo dos estoques no mês anterior, após o programa de incentivos com as MPs nº 1.175/2023 e 1.178/2023, que disponibilizaram R\$ 800 bilhões em benefícios tributários entre junho e julho.

Com isso, a produção registrou uma expressiva alta mensal de 24,0%, totalizando 227,0 mil unidades. Apesar do movimento no mês, a produção acumulada no ano ficou -0,4% abaixo da verificada no mesmo período do ano anterior. Assim, a variação anual da produção acumulada em 12 meses mantém trajetória cadente, evidenciando os desafios do setor, encerrando com alta de 1,9% a.a. contra 5,7% a.a. no mês anterior e queda de 2,7% a.a. em ago/22.

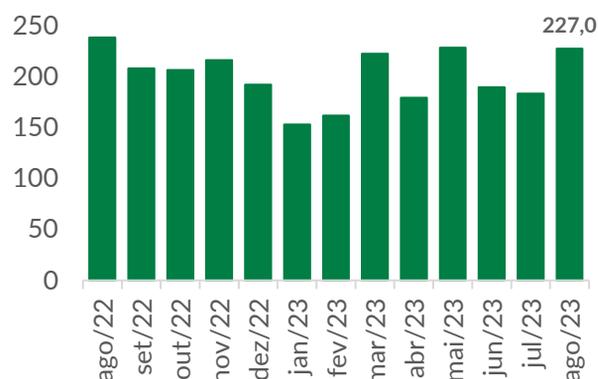
Após a redução mensal de -11,1% em julho, o estoque total (fábrica + varejo) subiu 23,1% a.m. em agosto, alcançando 244,0 mil unidades, o que representou uma elevação de 48,5% a.a..

Ainda no mês, as exportações subiram 13,8% na margem para 34,6 ml unidades, o que levou o acumulado do ano a patamar 1,4% superior ao observado no mesmo período de 2023. Contudo, a variação anual das exportações acumuladas em 12 meses voltou a campo negativo, com queda de -4,4% contra altas de 2,2% no mês anterior e de 14,2% em ago/23.

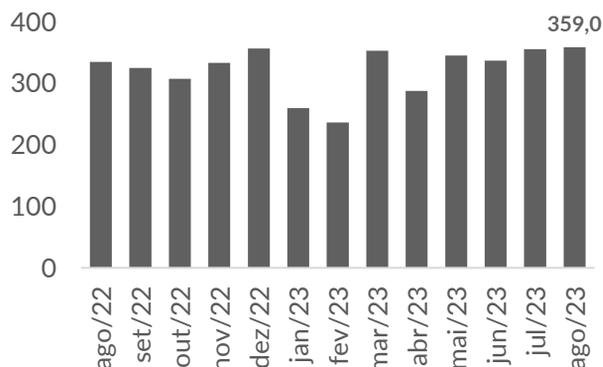
Segundo a Fenabrave, foram vendidas 359,0 mil unidades de autoveículos em agosto, no mercado interno, o que representou elevações de 0,8% no mês e de 7,2% a.a.. Assim, o acumulado das vendas no ano foi 13,9% superior ao observado no mesmo período do ano anterior.

A variação anual das vendas acumuladas em 12 meses voltou a desacelerar, após os desempenhos mais fortes em junho e julho, com o programa de estímulo, saindo de 15,3% em julho para 14,2% em agosto, ante uma queda de -4,0% em ago/22.

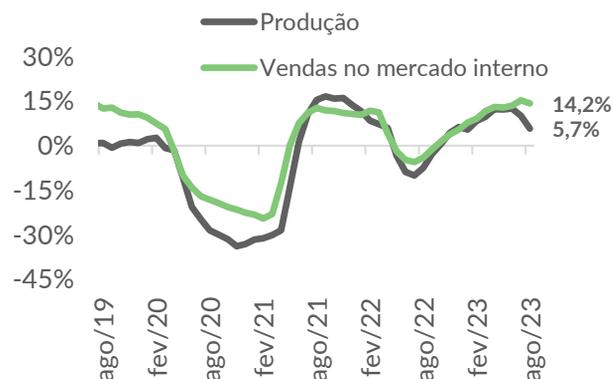
Produção Mensal
Em mil unidades



Vendas Mensal
Em mil unidades - no mercado interno



Variação Anual
Acumulado em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrave. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Ago/23

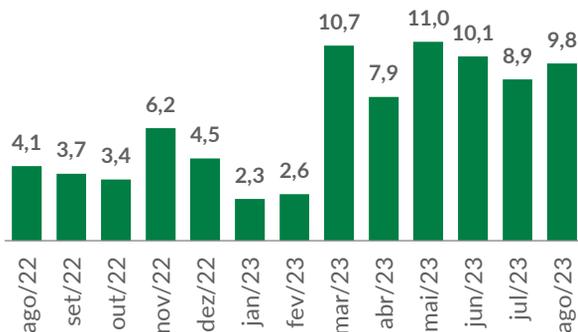
O saldo da balança comercial brasileira apresentou um superávit de US\$ 9,8 bilhões em agosto, um aumento de 137,8% perante a ago/22. O resultado é decorrente de US\$ 31,2 bilhões em exportações e de US\$ 21,4 bilhões em importações, produzindo uma corrente de comércio de US\$ 52,7 bilhões (- 8,4% a.a.). No acumulado do ano, anotou-se um superávit de US\$ 63,3 bilhões, um avanço de 44,8% ante igual período de 2022.

A despeito da queda nos preços (-11,6% a.a.), as exportações cresceram 1,4% ante ago/22, sustentadas ainda pelo crescimento do volume (+15,8% a.a.), com destaque para as commodities agrícolas e industriais. No acumulado de 2023, os embarques registraram alta de 0,3%, com o aumento de 10,4% no volume, mas redução de -8,1% nos preços. Analisando-se a dinâmica por setor, o crescimento das exportações no ano foi impulsionado pela agropecuária, cuja alta de 7,0% no período refletiu o aumento de 19,6% do volume e a diminuição de -7,4% dos preços. Destaque para os embarques de milho e soja. Por sua vez, a indústria extrativa mineral e de transformação acumularam, no período, quedas de -3,7% e -1,4%, na ordem.

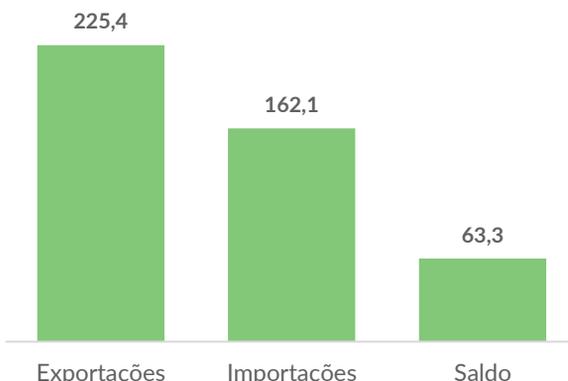
Já as importações apresentaram uma redução de -19,6% frente a ago/22., com os preços cedendo -11,9% a.a., em maior intensidade do que o volume (-7,6% a.a.). No acumulado do ano, as vendas cederam -10,4%, respondendo às quedas de -8,1% dos preços e de -0,3% no volume, acompanhando as menores pressões nos custos de adubos, fertilizantes, inseticidas e combustíveis. Dentre as categorias econômicas, na mesma métrica, destaques para o crescimento das importações de bens de consumo (+18,1%) e de bens de capital (+11,4), enquanto combustíveis (-24,0%) e bens intermediários (-14,8%) computaram perdas.

No acumulado em 12 meses, o saldo comercial somou US\$ 81,1 bilhões, levando a variação anualizada para 52,8% a.a. ante 33,2% a.a. em jul/23 (-20,4% a.a. em ago/22). As exportações revelam uma trajetória de desaceleração, saindo de 6,8% a.a. em jul/23 para 5,8% a.a. (21,5% a.a. em ago/22), enquanto as importações mostram inflexão e computam queda de -3,7% a.a. em ago/23, ante 1,0% em jul/23 (35,9% a.a. em ago/22).

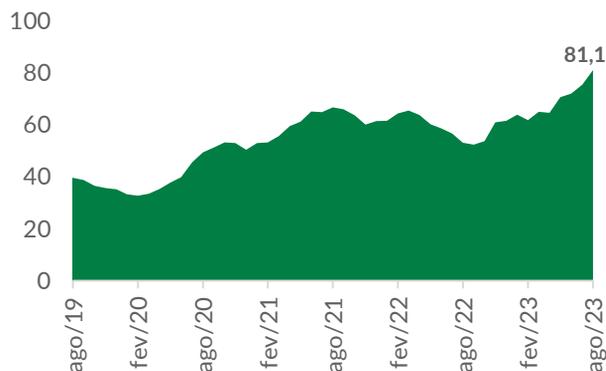
Saldo Mensal Em US\$ bilhões



Saldo Acumulado no Ano Em US\$ bilhões



Saldo Acumulado em 12 meses Em US\$ bilhões



Fonte: MDIC. Elaboração ABBC

Endividamento e Inadimplência – Ago/23

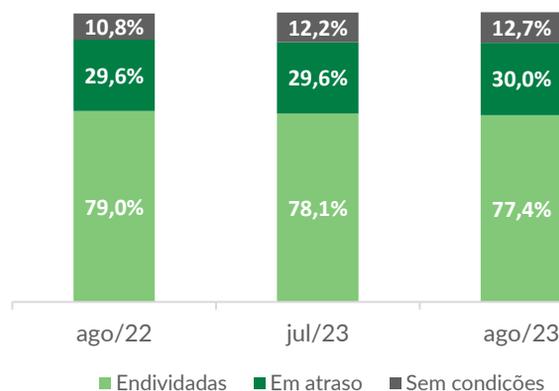
Pelo 2º mês consecutivo, a Pesquisa de Sentimento de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC anotou uma queda no percentual de famílias que se identificavam como endividadas. Com uma retração de -0,7 p.p. no mês e de -1,6 p.p. ante ago/22, o volume de endividados atingiu 77,4%, o menor nível desde jun/22. Desse total, 17,5% das famílias consideravam-se como “muito endividadas”, percentual em tendência de queda e o menor desde abr/23.

A despeito de uma tendência de queda do endividamento, os indicadores de inadimplência, por outro lado, seguem apontando crescimento. O percentual de famílias que declararam estar com dívidas em atraso aumentou 0,4 p.p. no mês e em 12 meses, para 30,0%, a maior proporção desde nov/22. Em consonância, o contingente dos que afirmaram que não terão condições de quitar contas atrasadas de meses anteriores expandiu-se em 0,5 p.p. na margem e 1,9 p.p. em 12 meses, para 12,7%.

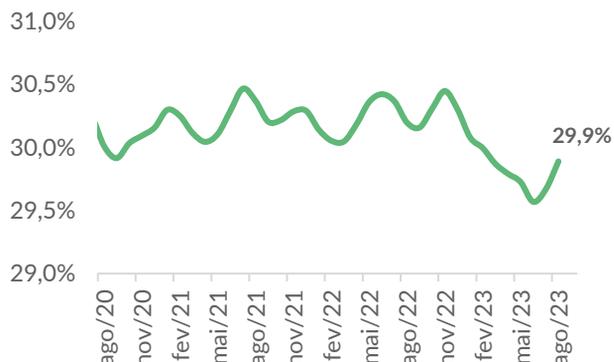
A resistência do mercado de trabalho formal e a redução da inflação favoreceram os orçamentos domésticos, fazendo com que menos pessoas necessitem recorrer ao crédito. Contudo, com os juros elevados e maior quantidade de dívidas a vencer, as famílias ainda encontram dificuldade de quitar os compromissos em aberto há mais tempo.

Ainda, a parcela média da renda comprometida com dívidas aumentou 0,2 p.p. na margem, para 29,9%, a despeito de uma melhora na renda disponível com a desinflação em curso. Enquanto o tempo de comprometimento com a dívida passou de 6,87 meses em jul/23 para 6,92 meses. A melhora da renda disponível, sobretudo para os consumidores de classes média e baixa, por conta da inflação mais baixa ajudando a recompor os orçamentos das famílias, tem levado menos pessoas a utilizarem as modalidades de crédito rotativo. Com retração de -0,5 p.p. no mês (+0,2 p.p. em 12 meses), o cartão de crédito continuou como a modalidade mais citada, representando 85,9% das respostas, ao passo que as dívidas com cheque especial ficaram estáveis no mês, mas com queda de -1,0 p.p. 12 meses, para 4,0%.

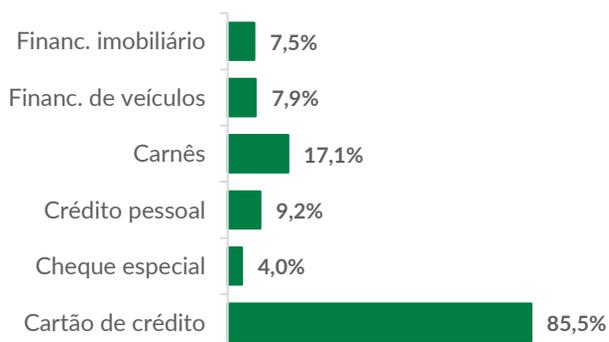
PEIC (%)



Parcela da Renda Comprometida % dentre os endividados



Tipo de Dívida % do total



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Poupança – Ago/23

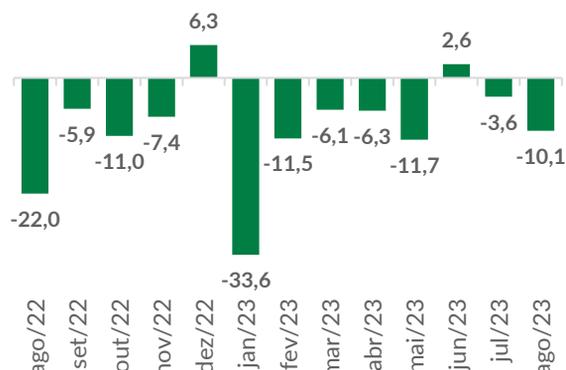
A caderneta de poupança apresentou novamente uma retirada líquida, com saída de R\$ 10,1 bilhões, após o resultado negativo de R\$ 3,6 bilhões no mês anterior. No ano, somente no mês de junho houve uma captação líquida positiva de R\$ 2,6 bilhões.

O desempenho do mês foi fruto de R\$ 321,6 bilhões em depósitos e de R\$ 331,7 bilhões em retiradas. O que representou, para os depósitos, uma queda de -1,5% no mês, mas uma alta de 1,7% a.a., e para as retiradas, uma elevação de 0,5% na margem, mas com retração de -1,9% a.a..

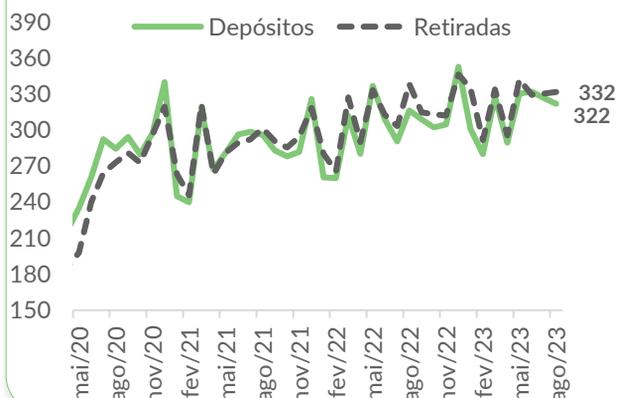
Ademais, a poupança registrou no mês a incorporação de R\$ 6,3 bilhões em rendimentos. Com isso, o saldo da caderneta totalizou R\$ 969,1 bilhões, o que representou reduções de -0,4% na margem e de -2,3% em 12 meses.

Por fim, o rendimento da poupança segue definido pela TR mais uma taxa fixa de 0,50%. Em agosto, a poupança rendeu 0,72% a.m. (8,95% a.a.), mantendo-se menos atraente que outras opções de renda fixa como os depósitos a prazo (CDBs) e as letras de crédito (sobretudo as LCAs e LCIs).

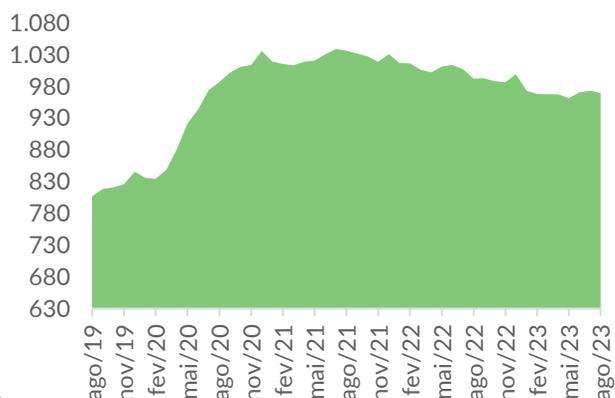
Captação Líquida (SBPE+Rural) em R\$ bilhões



Evolução (SBPE+Rural) em R\$ bilhões



Saldo (SBPE+Rural) em R\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	3,0	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,2	8,6
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,9	3,9
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,5	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	70,0	62,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-43,0	-50,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,95	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,4	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,4	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,6	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688